



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



**SALA VILLA-LOBOS, TEATRO NACIONAL, BRASÍLIA, DF,**

**17 DE ABRIL DE 2001**

*Meus caros companheiros de mesa; Senhoras e Senhores,*

Ao celebrarmos os 50 anos do CNPq é uma satisfação ver que o Brasil tem coisas muito boas e que vêm de longe – 50 anos. Se eu fosse, aqui, falar sobre a importância da ciência e da pesquisa para o desenvolvimento do país, eu estaria fazendo a pregação aos já convertidos. Aliás, que sofremos incentivos adicionais para a conversão, pelas palavras daqueles que me antecederam.

As Senhoras e os Senhores que estão aqui sabem melhor do que eu dessa importância e da necessidade que todos os países enfrentam, em nossos dias, de se qualificarem tecnologicamente ou, então, serem marginalizados, no sistema internacional. Conhecem todas as características da nova economia, na qual o conhecimento é fator decisivo na agregação de valor aos produtos e serviços.

Mas o fato essencial é que, no Brasil de hoje, todos sabemos disso. Sabe o Presidente, o Ministro Sardenberg sabe, como sabem todos que têm trabalhado com determinação para avançar na ciência e na inovação tecnológica.

E já temos resultados importantes. Vale pena, embora possa repetir algo que já foi dito, mencionar alguns. O panorama mais favorável, que vive hoje o país deve-se, em parte expressiva, ao esforço realizado em ciência e tecnologia. Houve, como já foi dito, um notável aumento da participação brasileira em ciência mundial. Nós superamos a marca alcançada apenas por 18 países, de produzir 1% da produção científica internacional, medida pelo número de publicações. Dir-se-á que ainda é pouco. De fato, ainda é. Podemos ir mais longe.

O Brasil alcançou posição de vanguarda em setores de ponta, como a exploração de petróleo em águas profundas, cuja tecnologia foi aqui desenvolvida, a biotecnologia, tão na moda hoje em dia, a engenharia aeronáutica, a agricultura tropical, as vacinas e os soros, as telecomunicações. E seria um desfilar de vários setores, nos quais temos tido uma posição de vanguarda.

E estamos ampliando os recursos para financiar a ciência e a tecnologia

Com os Fundos Setoriais, estamos implantando definitivamente no País uma estrutura estável de financiamento da pesquisa e da inovação, com um novo modelo de gestão, mais moderno, mais eficaz. Reforça-se a parceria entre Governo, universidades e empresas. Na proposta orçamentária para 2001, incluímos recursos para todos os fundos já aprovados. Eu quero esclarecer aqui, para evitar dúvidas, que não se trata de recursos para substituir outros já existentes, que se trata de recursos adicionais aos já existentes.

Estamos trabalhando com o objetivo de encaminhar, em breve, ao Congresso Nacional, projetos de lei com vistas à criação de novos Fundos nos setores de agronegócios, biotecnologia, saúde e aeronáutica.

Nas circunstâncias atuais, o avanço tecnológico depende em boa medida de uma parceria eficaz entre universidade e empresa.

Vemos isso nos países mais avançados tecnologicamente. E vemos que isso depende, essencialmente, da capacidade de iniciativa de ambos - universidades e empresas -, mas depende também da existência de um quadro regulatório que favoreça esse tipo de iniciativa.

Por isso, o MCT está trabalhando na elaboração de um projeto de lei que tem um nome que diz tudo, chama-se "Lei da Inovação", que deve-

rá incluir normas para favorecer o estabelecimento de parcerias entre empresas e instituições públicas de pesquisa, a mobilidade de pesquisadores para a indústria, e vice-versa, o estímulo ao espírito empreendedor e à proteção da propriedade intelectual e uma estrutura fiscal apropriada para as empresas inovadoras.

Um dos pontos importantes é o da modernização do regime de trabalho dos pesquisadores. É preciso encontrar formas institucionais que permitam, ao mesmo tempo, flexibilidade e compromisso com resultados.

O incentivo fiscal continua a ser uma ferramenta indispensável para induzir o investimento em pesquisa e desenvolvimento. Os cálculos do MCT mostram que, desde 1993, as duas leis de incentivo induziram investimentos de mais de 5 bilhões de reais, ao custo de uma renúncia fiscal de 2,5 bilhões de reais.

Hoje, as empresas utilizam cada vez mais a capacidade de pesquisa das Universidades. E é bom que isso ocorra. É bom para as empresas, mas é bom também para o Brasil.

É necessário aperfeiçoar os instrumentos adequados ao melhor desempenho na área de incentivos. Por isso, determinei ao Ministro Sardenberg que providencie a realização de estudos, juntamente com os demais setores interessados do Governo, com vistas a uma revisão da legislação sobre incentivos (fiscais e não-fiscais).

Um dos temas que deve ser examinado é a idéia - proposta por representantes do setor privado no Conselho de Ciência e Tecnologia - da criação de um regime de encomendas e contratos, pelo Governo, para desenvolvimento de tecnologias estratégicas por parte das empresas, universidades e centros de pesquisa.

Outra questão que exige exame atento é a revisão da redução da renúncia fiscal em decorrência do declínio do uso das leis de incentivo.

Naturalmente, quando o Presidente vem falar em uma cerimônia do CNPq, ele não pode deixar de falar de bolsas. É um assunto que atrai muita atenção, e com razão, porque as bolsas são um instrumento essencial.

Os números não deixam margem a dúvida. De 1951 a 1994, o CNPq concedeu mais de 370 mil bolsas-ano. De 1995 a 2000, foram 283 mil, ou

seja, em seis anos, concedemos um número de bolsas que equivale a 75% do total de bolsas concedidas pelo CNPq em toda sua história anterior. Nossa meta é chegar a 2002 com a concessão de um total de 370 mil bolsas-ano, o que será fazer 40 anos em oito.

Mas não é suficiente conceder muitas bolsas. É preciso estar atento ao seu valor, para que atendam efetivamente à sua finalidade. De 1995 a 2000, o CNPq investiu, em média, 25 mil reais por ano em cada pesquisador. Não é pouco, se pensarmos nas condições gerais do país. Mas é pouco, se pensarmos na importância da ciência e da tecnologia.

Por isso, determinei ao MCT e ao MEC a realização de estudos no sentido de rever os valores atuais das bolsas, de forma a torná-las mais atraentes e, sobretudo, permitir a identificação de novos talentos, dando ênfase ao pós-doutorado e à fixação de doutores.

Os institutos federais de pesquisa, por outra parte, são uma peça importante no sistema de inovação e desenvolvimento científico. Impõe-se a tarefa de recomposição de seus quadros, com base na avaliação em curso e na proposta de reforma dos institutos.

A área de ciência e tecnologia é tipicamente um setor no qual o Estado tem um papel a desempenhar. Não pode ser simplesmente entregue ao mercado.

Ao mesmo tempo, contudo, o Estado não pode pretender controlar excessivamente. Não pode ter a mão pesada quando está lidando com objetos delicados. É preciso ter uma política para o setor, mas uma política que incorpore a visão dos que trabalham nessa área.

Quem faz ciência são os pesquisadores, não o Governo. Ao Governo cabe, em primeiro lugar, não atrapalhar, mas cabe também ajudar, promover, incentivar, catalisar.

Nesse sentido, há um avanço que eu desejo mencionar porque representa, no terreno institucional, uma profunda transformação no setor de ciência e tecnologia no Brasil. É o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos.

O Centro será o cérebro da nova maneira de gerir ciência e tecnologia: será pequeno, mas forte; terá funções estratégicas, com a busca de

resultados, foco, prospecção, acompanhamento, avaliação de programas, grandes projetos e fundos suficientes.

A ciência é um truismo, é essencialmente uma obra da inteligência. Uma política para esse setor precisa ser gerida com inteligência.

O Centro dará especial atenção à área das ciências sociais. Não preciso falar, aqui, da importância que eu, pessoalmente, atribuo a esse tema, não por só experiência, mas até por interesse próprio.

O MCT está conduzindo uma tarefa de grande alento para mapear o futuro da ciência e da tecnologia brasileiras e para estabelecer o rumo seguro a ser seguido na Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, em setembro próximo. Será uma oportunidade para debater o futuro que queremos para o País, o papel da ciência e da tecnologia na sua construção. Sabemos que muito já foi feito, mas o Brasil precisa alcançar definitivamente uma posição de maior liderança na pesquisa mundial.

Esta semana, a imprensa estará dedicando grande atenção ao tema da Alca, em função da reunião em Quebec, no próximo fim de semana.

É preciso entender que o tema da Alca tem uma relação direta com o que estamos discutindo aqui. Na economia atual, a competitividade é impossível se não houver um sistema nacional eficaz de inovação tecnológica.

O Brasil dispõe de condições para isso. Temos a necessária dimensão econômica de mercado, temos a competência de nossa comunidade científica, temos a qualidade de nossas universidades.

Se nós esquecermos essas precondições para qualquer iniciativa no plano internacional, nós poderemos simplesmente estar entrando num caminho cujos resultados poderão passar a ser altamente discutíveis. Mas, ao mesmo tempo, nós tivemos o cuidado de fortalecer as bases produtivas do Brasil e, especialmente, no caso, as bases científicas e tecnológicas que asseguram a possibilidade de expansão, garantindo nesse processo de internacionalização a autonomia necessária para que nós possamos corresponder às aspirações efetivas de nosso povo e do Estado nacional.

O exemplo do CNPq, um exemplo mesmo de visão de largo prazo, um exemplo inteligente de Álvaro Alberto devem servir-nos como inspiração. O CNPq e tudo o que ele representa são motivos de orgulho para o Brasil. São também um aprendizado.

Um aprendizado de algo que é difícil, mas que é indispensável para um país como o nosso, um país que tem a vocação, não de ser um receptor passivo de inovações realizadas por outros, mas de participar plenamente nos avanços da humanidade no novo século que se inicia.

Para finalizar, eu queria juntar umas poucas palavras de reconhecimento ao muito que foi feito por nossos cientistas e por aqueles que dirigiram o processo de organização da ciência no Brasil. Dirijo-me especialmente àqueles que aqui estão presentes, e dirigindo o CNPq, e em nome deles faço o reconhecimento daqueles que não estão mais aqui entre nós. Faço um referencia muito especial ao esforço do MCT e tenho a satisfação de mencionar que está presente o ex-Ministro Luiz Henrique. Quero também lhes dizer, aos ministros que estiveram à frente dessa pasta, notadamente o Ministro Sardenberg, que tem dado um impulso extraordinário ao desenvolvimento do CNPq e do MCT, a quem o Governo muito deve, e eu agradeço muito especialmente, se tenho os dois Ministros aqui presentes, em especial, ao Ministro Sardenberg. Mas quero estender, naturalmente, àqueles que não estão aqui e àqueles não estão mais nem sequer entre nós e dizer que as obras de transformação de um país complexo como o Brasil são obras que não se realizam através de uma só pessoa. São obras que são a continuidade e um legado. É muito importante que se reconheça o caminho percorrido para que se possa então, realmente, avançar passos com uma noção de que esses passos que se dão mais para adiante têm algo a ver com o que se fez no passado. Quem não rememora, quem não tem a consciência do esforço feito não tem a grandeza suficiente para continuar o futuro.

Eu tenho a certeza de que, os que aqui estamos, temos essa visão. E fico muito satisfeito de poder uma vez mais encontrar com antigos companheiros meus de academia. Não posso brincar mais com meu amigo Pavan, porque já brinquei o suficiente sobre o garbo com que ele tem levado sua vida intelectual e sua capacidade empreendedora. Eis

aqui meu antigo colega de Conselho Universitário, o Krüger, aqui firme, presente, sempre ativo, não vou me referir a tantos outros mais aqui, mas, ao me referir, finalmente, ao Presidente do CNPq, eu queria lhe dizer que quero agradecer ao Senhor, como agradeço a presença aqui da Presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, como agradeço a presença de todos os demais, mas, ao mencionar o Presidente do CNPq, eu quero estender esse agradecimento, da mesma forma como já fez o Ministro Sardenberg e o próprio presidente do CNPq, a todos os colaboradores do CNPq que aqui estão. Tendo experiência pessoal em matéria de desenvolvimento científico e de participação na elaboração de trabalhos no campo da ciência, quero lhes dizer que tenho consciência plena daquilo que, às vezes, se vive um pouco formalmente e que, na verdade, é muito importante que haja recursos, é muito importante que haja dirigentes com consciência de suas responsabilidades e dos desafios da ciência e da tecnologia, é muito importante que haja uma organização competente, uma gestão inteligente. Mas nada, nada mesmo substitui aquilo que é insubstituível por definição, que é a dedicação do pesquisador e do trabalhador científico, muitas vezes anônimo, o qual ou tem na sua alma alguma coisa que o impulsiona, a despeito das condições materiais, que muitas vezes não são suficientes, ou não se faz nada. Às vezes, mesmo dispondo de muitos recursos, se não houver um pesquisador com aquela inquietação, com aquela audácia, com aquela capacidade de ver o que os outros não viram, apesar de, muitas vezes, termos todos passado diante daquilo - e de repente alguém diz, é isso! -, se não houver essa capacidade quase divinatória de, em um dado momento, criar, não há avanço possível.

O Brasil, por sorte, conta com muitos criadores, e como Presidente da República faço minha homenagem final a todos eles.

Obrigado.